

1107 - 2339



MENCIONE-SE, PUBLIQUE-SE
E EXPEÇA-SE

05.06.97
[Handwritten signature]

REQUERIMENTO Nº. 1030 /VII (2a)-AC

(05 de Junho de 1997)

ASSUNTO: **Ministro da Ciência e Tecnologia**

Apresentado por: **PEDRO BAPTISTA**, Deputado do Grupo Parlamentar do **Partido Socialista**.

Em referência às notícias surgidas na última semana de Maio, em diversos órgãos da Comunicação Social, nomeadamente in "O Comércio do Porto" de 24/05/97 cuja cópia se anexa, requero ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, ao Ministério da Ciência e Tecnologia informação sobre:

1. a verosimilhança das notícias referentes à inactividade do sismógrafo da Serra do Pilar;
2. as razões de tal inactividade;
3. as medidas que o Ministério tomou, ou vai ou não tomar, visando o registo científico e previsão sísmica, a partir da referida estação nortenha.

O Deputado,

[Handwritten signature]
(Pedro Baptista)

OLGA SOUTO
 97/65
 O Chefe de Divisão
[Handwritten signature]

Comércio do Porto

Diário - Ano CXLII - N.º 352 - 120\$00 (IVA Incluído)

Director Interino: Luis de Carvalho

Sábado, 24 de Maio de 1997

Aparelhagem da «guerra fria» desactivada em Dezembro

Serra do Pilar sem sismos

A estação sísmica do Instituto de Geofísica localizada na serra do Pilar, em Gaia, está desligada desde 31 de Dezembro. Construída pelos norte-americanos, em 1962, no contexto da «guerra fria» que opunha os Estados Unidos à União Soviética, destinava-se (como outras 74 instaladas de modo semelhante em várias localidades do mundo) a controlar os excessos de energia nuclear motivados por deflagrações na Terra. Alterada a situação política

mundial, com o desmantelamento do bloco de Leste e o advento dos satélites, acabou por ser desactivada no fim do ano passado, perdendo a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, de que faz parte aquele Instituto, um valioso instrumento para detectar os abalos sísmicos como o que ocorreu na passada quinta-feira. Uma perda que o seu director, João Montenegro, lamenta, enquanto alerta para uma realidade: Portugal vai continuar a tremer.

Estação está desligada desde 31 de Dezembro

Sismos «não chegam» à Serra do Pilar

Não há razões para alarme, mas mais vale prevenir os cidadãos, nomeadamente aqueles que se assustam com os abalos sísmicos: mais cedo ou mais tarde, Portugal voltará a tremer. A certeza é dada pelo Instituto Geofísico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, localizado na Serra do Pilar, onde já se sabia que a terra abalaria, antontem, no norte do País. Sismos, aliás, que não tiveram repercussões mais graves porque «as ondas superficiais, as destrutivas, ficaram filtradas em Espanha», salientou João Montenegro, director daquele instituto. Numa entrevista dada a «O Comércio do Porto», aquele responsável falou ainda da situação do Observatório da Serra do cuja estação sísmica, montada pelos americanos durante a «Guerra Fria», está desligada desde o passado dia 31 de Dezembro. A terra treme, mas não ficam os registos.

A estação sísmica do Instituto Geofísico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (IG), localizado na Serra do Pilar, está desligada desde 31 de Dezembro último. Não obstante as importantes informações que transmitia e os estudos que permitia realizar, a aparelhagem está completamente «muda», sem que se vislumbre, para já, qualquer alteração desta situação.

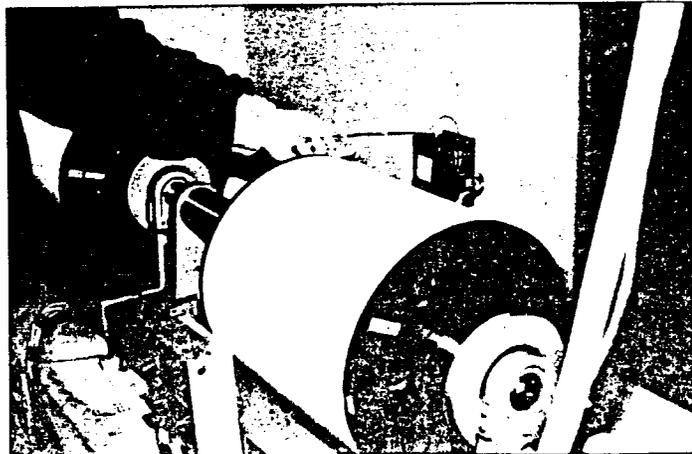
Ainda antes de nos reportarmos as causas que motivaram este forçado silêncio, importa referir que a estação foi construída pelo governo norte-americano em 1962, em plena «Guerra Fria». Naquela altura, americanos e soviéticos estavam de todo interessados em controlar os excessos de energia nuclear, motivados por deflagrações na Terra. Esta era assim uma maneira de estudar a sismicidade, pois «as detonações têm um grande efeito. Aliás, ainda hoje se sofrem esses efeitos».

Segundo João Montenegro, professor associado de Física, assistente em Física do Estado Sólido e director do IG desde 1984, os EUA resolveram espalhar em todo o mundo 75 esta-

ções sísmicas, sendo a da Serra do Pilar uma delas. Para tanto, forneceram todo o equipamento e efectuaram a manutenção diária. Ao Governo luso apenas coube fornecer os técnicos. «nada mais». Assim, surgiu em 1962 a WSSN-PTO (Worldwide Sismic System Network-Porto), um equipamento muito importante para os norte-americanos, dada a boa localização em termos de Península Ibérica «Aqui o sinal chega sem qualquer ruído devido a placa granítica existente na zona norte de Portugal», revelou ainda Montenegro.

Desde então para cá, a estação sísmica da Serra do Pilar efectuou inúmeros registos de todo o mundo. Na verdade, «os sismos de todo o Planeta são aqui apanhados, excepto numa pequena área de 8 graus». Isto quer dizer que, em 360 graus, praticamente todo o globo terrestre estava na mira da WSSN-PTO.

Com o advento dos satélites, há cerca de cinco anos que a aparelhagem de curto período ficou reduzida, tendo sido mantida a funcionar a de longo alcance. Contudo, não foi só em Portugal que os EUA resolveram



A estação sísmica do Observatório da Serra do Pilar está inactiva desde 31 de Dezembro

precindir dos nossos serviços. «Desde há dez anos a esta parte, e das 75 estações, sobram 30», tendo sido a da Serra do Pilar das últimas a ser desligada, apesar de todos os esforços de João Montenegro para que se mantivesse em funcionamento. Tinha chegado então o final de 1996 e os estudos sísmicos dos americanos são efectuados por satélite.

Apesar de tudo, o governo dos EUA ofereceu o «velho» equipamento «para museu» e propôs-se a colocar no Instituto Geofísico uma nova estação sísmica, «a funcionar», sendo a única contrapartida de Portugal «desembolsar cerca de dez mil contos». Isto tendo em conta que a aparelhagem deste nível custa fortunas.

Transmitida esta intenção dos EUA a Montenegro, este, como responsável pelo IG, endereçou, em Novembro último, esta informação para a Universidade do Porto, instituição que lhe é hierarquicamente superior. Apesar da troca de intenções e de informações, a estação continua sem trabalhar.

João Montenegro insurge-se contra o facto de, «em Portugal, não existir um perfil sísmico», nem tão-pouco uma Protecção Civil a altura. E isto porque, ao contrário do que se possa pensar, Portugal é uma zona sísmica, especialmente «do Tejo para baixo. A cerca de 100 quilómetros do estuário do Tejo, a Terra está mais cortada e há a junção de três placas (africana, americana e euro-asiática)», revelou ainda João Montenegro.

Portugal vai continuar a tremer

Os abalos que antontem se fizeram sentir nas zonas norte e centro do País, embora não se pudessem prever em que altura surgiram, eram já esperados. Segundo o director do IG, desde há algum tempo que «essa energia vinha sendo transmitida da zona de Vila Real», mais propriamente de Vilaça. Montenegro exemplificou com os acidentes de automóveis: «Todos sabemos que os choques em cadeia têm mais probabilidade de acontecer numa auto-estrada do que numa estrada pequena, so que ninguém sabe quando surgem. O mesmo se passa com os sismos. É possível detectar as ondas, mas não sabemos ainda onde estão as pressões». Contudo, uma coisa é certa. Portugal vai continuar a tremer.

Quanto aos serviços de Protecção Civil, para este cientista são praticamente inexistentes.

«Temos que ter os cuidados que o país precisa, mas antes temos de saber como é o país, o que não está a acontecer».

O director do IG anseia que as entidades competentes - Governo, universidades, autarquias - zelem mais pelo interesse das populações, pois «ninguém sabe o que fazer num tremor de terra». E a título de exemplo revelou que o sismo da passada quinta-feira só não teve repercussões mais graves para Portugal porque «as

ondas superficiais, as destrutivas, ficaram filtradas em Espanha».

Assim, o Observatório da Serra do Pilar espera por dias mais atribulados, apesar de ter sido erigido no tempo da rainha D. Amélia. Mas nem tudo é mau. Um sensor regista, 24 horas por dia, e com grande espectro, os níveis de radioactividade, que, felizmente, continuam baixos.

Arnalda Barbosa (texto)
José Albino (fotos)



João Montenegro, director do Instituto Geofísico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto